

# EM PAÍS DE RICETTIS E BOLSONAROS A VIOLÊNCIA É CONSTANTE: HISTÓRIA E SEXUALIDADES NÃO-HEGEMÔNICAS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

## ***Eixo Temático 36 - Violências de Gênero e o Neoconservadorismo: A Pesquisa como Modo de Resistência***

Victor Hugo da Silva Gomes Mariusso<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Compreender a violência sofrida historicamente pela população de LGBTQIA+, não é somente importante, como se faz necessário. Percebe-se isso, ao vermos mortes diárias no Brasil, de pessoas que vivenciam seus desejos e afetos na contramão da cultura hegemônica/cisheteronormativa. Nesse sentido, objetiva-se por meio desse trabalho, analisar a permanência da violência contra a população LGBTQIA+ no Brasil, desde a constituição do movimento de afirmação homossexual em finais da década de 1970, até os dias de hoje, na qual a figura do presidente da república, reitera discursos pautados em estigmas e preconceito, como também, legitima a violência contra essa parcela da sociedade. Tais discursos e práticas são muito semelhantes com as do declínio da ditadura militar no país.

**Palavras-chave:** Violência, Sexualidade, História do Brasil Recente.

### **DA VIOLÊNCIA CONTRA A POPULAÇÃO LGBTQIA+**

Compreender as práticas que levam a exclusão da população LGBTQIA+<sup>2</sup> no Brasil, além de importante, se faz necessário. Primeiro, porque possibilita entender como algumas relações de poder foram construídas no decorrer da história brasileira. Segundo que, expõe o quanto a sociedade brasileira foi e ainda é muito violenta, principalmente no campo dos costumes.

Essas práticas são construídas no decorrer da história por meio de discursos, que constituíram regras para os exercícios da sexualidade, impondo limites, dizendo o que é correto ou não para a sociedade. A exemplo disso, temos o cânon bíblico e a produção da medicina legal na passagem do século XIX para o XX na Europa e depois se espalhando pelo mundo. Ambos ajudaram a criar os sujeitos pecaminosos e doentios.

---

<sup>1</sup> Pós-Graduando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (Doutorado).vmariusso@hotmail.com

<sup>2</sup> Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, *queers*, intersexos, assexuados e tudo aquilo que fuja da cisheteronormatividade.

No caso do Brasil, tais discursos contribuem para uma morte por LGBTfobia a cada 23 horas, totalizando 141 mortes de janeiro a 15 de maio de 2021, das quais 126 são homicídios e 15 suicídios (Grupo Gay da Bahia, 2022). Mas, por que matamos tanto? Pode-se destacar, justamente as construções históricas de regras e normas sobre o exercício da sexualidade. Porém, existem aqueles sujeitos que vivenciam suas eróticas e afetividades de forma contrária a essas regras. No entanto, em que momento isso passa a incomodar?

Se pensarmos naquilo que destacou Foucault (2011), passa-se a falar sobre sexualidade, antes, ela era corpo, estava na mão da religião. Com a produção da medicina legal na passagem do século XVIII para o XIX, a sexualidade passa a pertencer a psique, passa a ser doença e não mais pecado. O psiquiatrismo começa a aparecer como instância dotada de legitimidade explicativa. Inicia-se uma medicalização do sexo.

Nos casos brasileiros, os médicos-higienista buscavam na passagem do século XIX para o XX, mais expressamente a partir da década de 1930<sup>3</sup>, prescrever uma nova ordem moral que excluía os homossexuais. Obras como “Homossexualismo e Endocrinologia”<sup>4</sup>, “Homossexualismo e Delinquência”<sup>5</sup>, “Atentados ao pudor”<sup>6</sup>, “Homossexualismo e libertinagem no Rio de Janeiro”<sup>7</sup>, “Da prostituição em geral”<sup>8</sup>, são exemplos de trabalhos que serviram diretamente como justificativa para a condenação, por base moral, de homossexuais.

Além de tratar tais sujeitos como doentes, atribuíam a eles uma certa doença moral, associada a suas práticas sexuais. Deve-se lembrar, que mesmo com a construção do sujeito doentios, a ideia de um ser pecaminoso não deixa de existir. As religiões Hebraica-Judaica-Cristã tratam de construir formas de comportamentos aceitos por

---

<sup>3</sup> Cf. FOREL, Augusto. *A questão sexual*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928, p. 239ss.; FOUQUÉ, Charles. *Homossexualismo (o amor que não ousa dizer seu nome...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1953.; IRAJÁ, Hernani do. *Psicoses do amor: estudos sobre as alterações dos instintos sexuais*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1930.

<sup>4</sup> RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e endocrinologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1938.

<sup>5</sup> DOURADO, Luiz Ângelo. *Homossexualismo (masculino e feminino) e delinquência*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

<sup>6</sup> Francisco José Viveiros de Castro. *Atentados ao pudor* (estudo sobre as aberrações do instinto sexual). Rio de Janeiro: Domingos de Magalhães Ed., 1895.

<sup>7</sup> PIRES DE ALMEIDA, João Ricardo. *Homossexualismo (a libertinagem no Rio de Janeiro): estudos sobre as perversões do instinto genital*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1906.

<sup>8</sup> Francisco Ferraz Macedo - *Da prostituição em geral, e em particular em relação à cidade do Rio de Janeiro: prophylaxia da syphilis*. Rio de Janeiro: Typographia Academica, 1872.

“Deus”, desprezando qualquer forma de amor que não seja o amor “natural” de homens e mulheres.

Desta forma, o discurso religioso, em especial o cristão, tem sido um dos responsáveis pela manutenção da heterossexualidade compulsória, bem como, por a exclusão da população LGBTQIA+. Destaca-se ainda, que tal discurso tem encontrado ainda ampla guarida no restante da sociedade.

## **ENTRE LAMPIÃO E SOMOS... UM RICHETTI**

Essa violência direcionada a população LGBTQIA+ no decorrer da história do Brasil, impulsionou a formação de grupos que se organizaram na busca de combater tais práticas de exclusão e reivindicarem seus direitos, entre eles, o da vida. Nesse sentido, em outubro de 1978 é criado o Somos-SP, considerado o primeiro grupo de afirmação homossexual brasileiro, nome usado na época. Anterior a ele, em abril do mesmo ano, surgiria nas bancas de 14 capitais brasileiras, o primeiro jornal feito por e para homossexuais, o *Lampião da Esquina*, publicado até julho de 1981<sup>9</sup>.

Esse período é marcado pelo declínio da ditadura militar no país, na qual havia uma ideia de uma abertura política residual e lenta, não excluíram a violência contra população LGBTQIA+, o que pode ser percebida em algumas matérias do *Lampião*<sup>10</sup>. Há ainda, aquela violência oriunda do Estado e que aqui nos interessa.

Uma delas pode ser percebida na década de 1980 em São Paulo, em que um delegado chamava a atenção em relação as ações tomadas pela polícia contra população LGBTQIA+. Era José Wilson Richetti, que tinha tomado conta de São Paulo, sob pretexto de limpar a cidade de vagabundos, “anormais”. Para isso, instituiu as operações Limpeza e Rondão (TREVISAN, 1980, p. 18). Saía pela cidade disposto a “limpar” não apenas as zonas residenciais, mas, sobretudo, o centro da cidade. Portando se como um herói, convidava um fotógrafo para documentar as operações e alegava apoio total de seus superiores. Cerca de 1.500 pessoas foram presas em uma semana, apenas 0,8% foram indiciadas. A afirmava que só iria acabar com aquilo, quando os comerciantes e as famílias pedissem (TREVISAN, 1980, p. 18). Mas, o que mudou de lá para cá?

---

<sup>9</sup> A respeito das representações dessa violência nas páginas do jornal, ver: MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. *Lampião da Esquina: homossexualidade e violência no Brasil (1978-1981)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16505/1/LampiaoEsquinaHomossexualidade.pdf>> Acesso: 15/07/2022.

<sup>10</sup> Cf. SILVA, Aguinaldo. “Anormal assassinado em Copacabana” (Cada um tem a morte que fez por merecer?). *Lampião da Esquina*, n. 6, novembro de 1978, p. 5.

## NO BRASIL DE BOLSONAROS

O atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, foi eleito no ano de 2017 pelo então Partido Social Liberal, com 57.797.466 de votos. Conhecido por suas frases preconceituosas, disfarçadas de humor ou simplesmente tidas como “direito de opinião”, a eleição de Bolsonaro possibilitou, com que outras pessoas, que pensam igual a ele, ganhassem não só visibilidade, mas, também direito/legitimação em serem preconceituosas.

As pessoas que votaram no presidente em questão, em sua maioria, concordavam ou conheciam suas frases do tipo, “não vou combater nem discriminar, mas, se eu ver dois homens se beijando na rua, vou bater”<sup>11</sup>. Tais discursos de ódio contra a população LGBTQIA+ não são vistos como preconceituosos por uma parcela da sociedade, justamente, por pensarem da mesma forma.

O problema do “não sou obrigado a gostar de ninguém. Tenho que respeitar, mas, gostar, eu não gosto”<sup>12</sup>, é que ele está associado a violência física, aos assassinatos diários contra essa parcela da sociedade. O que deve ser levado em consideração, é que tais discursos não ficam apenas no imaginário, eles se tornam práticas. Segundo a Associação Nacional de Travestis e Pessoas Trans (ANTRA), o ano de campanha das eleições de Bolsonaro em 2017, registrou 179 homicídios de pessoas trans, no ano seguinte 163<sup>13</sup>. No mesmo ano de campanha, o Grupo Gay da Bahia identificou 387 homicídios e 58 suicídios LGBTfóbico no país. O número representa um aumento de 30% quando comparado às mortes em 2016 (343) (GGB, 2017).

Esses discursos proliferados por representantes do Estado e nela a figura do presidente da república, contribuem para dar munção, legitimar práticas de violência contra a população LGBTQIA+, haja visto casos do tipo: “Após matar homossexual,

---

<sup>11</sup> Em entrevista sobre uma foto do ex-presidente FHC ter posado em foto com a bandeira gay e defendido a união civil, em maio de 2002. In: CIPRIANI, Juliana. 10 frases polêmicas de Bolsonaro que o deputado considerou brincadeiras. 2018. *Jornal do Estado de Minas*. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/14/interna\\_politica,951685/10-frases-polemicas-de-bolsonaro-que-o-deputado-considerou-brincadeira.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/14/interna_politica,951685/10-frases-polemicas-de-bolsonaro-que-o-deputado-considerou-brincadeira.shtml)>. Acesso: 08/01/2019.

<sup>12</sup> Em entrevista à revista *Playboy*. In: BOLSONARO em 25 frases polêmicas. *Carta Capital*, 29 de outubro de 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>>. Acesso: 08/01/2019.

<sup>13</sup> NAÇÕES UNIDAS. Especialista da ONU alerta para exclusão estrutural da população trans. 29/01/2019. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/especialista-da-onu-alerta-para-exclusao-estrutural-da-populacao-trans/>>. Acesso: 08/01/2019.

suspeito teria gritado 'viva Bolsonaro'”<sup>14</sup>, ou de espancamentos com gritos de “Aqui é Bolsonaro”<sup>15</sup>, ou, o evento no qual um de seus eleitores fingiu ser gay e entrou em um aplicativo para encontrar um rapaz e ameaçar a matá-lo, com mensagem de “em nome de Bolsonaro”<sup>16</sup>.

Tais ações geraram um levantamento das agressões de apoiadores de Bolsonaro, realizado pela Agência Pública em parceria com a Open Knowledge Brasil, que contabilizou um total de 50 agressões no mês de outubro de 2018, além de registros em 18 estados e no Distrito Federal<sup>17</sup>. O levantamento mostrou como as situações de violência se espalham pelo país inteiro e não podem mais ser vistas isoladamente<sup>18</sup>. Ao mesmo tempo, não só os discursos são violentos, mas, a exclusão por meio de políticas públicas ou retiradas de direitos, como no caso a Medida Provisória n.º 870/19 assinada por Bolsonaro, na qual retira a população LGBTQIA+ das diretrizes destinadas à promoção dos Direitos Humanos.<sup>19</sup>

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Pode-se apontar algumas considerações a partir do que foi discutido nesse trabalho. A primeira, é o fato de a violência ser um elemento estruturante da sociedade brasileira. A violência contra a população LGBTQIA+ foi realizada pelo próprio Estado

---

<sup>14</sup> APÓS Matar homossexual suspeito teria gritado viva Bolsonaro. *Notícias ao minuto*. 07/10/18. Disponível em: <<https://www.noticiasao minuto.com.br/justica/662434/apos-matar-homossexual-suspeito-teria-gritado-viva-bolsonaro>>. Acesso: 08/01/2019.

<sup>15</sup> MORTE, ameaças e i9817(t868(i)88m)624(i624d)957(a)87ç624(s)79cas e877(-)368BR637r9817o9817fan637624çai624(s)

brasileiro, na disputa política por meio dos costumes, durante da ditadura militar (1964-1985) e ainda permanece no Brasil, com o mesmo respaldo do Estado.

Se mantém apoiada em justificativas atreladas aos discursos religiosos e de setores das ciências da psique. Representantes do Estado se apropriam de tais discursos e passam a reiterar o combate a população LGBTQIA+. Deste modo, a permanência dessa violência faz parte do próprio processo de reestabelecimento da democracia e sua estabilização no país, expressando, assim, um de seus limites.

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

APOIADORES de Bolsonaro realizaram 50 agressões no início de outubro. *Revista Exame*, 11 de outubro de 2018.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

GALVÃO, Vinícius Queiroz. “É a inquisição para héteros”, diz terapeuta – entrevista com Rozângela Alves Justino. *Folha de S. Paulo*. 4/07/2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1407200915.htm>>, consultado em 15/07/2022.

GRUPO GAY DA BAHIA. Pessoas LGBT mortas no Brasil. Relatório 2017. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2020/03/relatorio-2017.pdf>>. Acesso: 01/07/2022.

GRUPO GAY DA BAHIA. Mortes violentas de LGBT+ no Brasil. Relatório 2021. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2022/03/mortes-violentas-de-lgbt-2021-versao-final.pdf>> Acesso: 01/07/2022.

SILVA, Aguinaldo. “Anormal assassinado em Copacabana” (Cada um tem a morte que fez por merecer?). *Lampião da Esquina*, n. 6, novembro de 1978, p. 5.

SOUSA NETO, Miguel Rodrigues de. Religião, Ciência e Exclusão: notas sobre a homofobia no Brasil. In: PASSAMANI, Guilherme R. (Org.). *(Contra)Pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual*. Campo Grande: Editora UFMS, 2012.

TREVISAN, João Silvério. São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti. *Lampião da Esquina*, n. 26 julho de 1980, p. 18.